



DIVERGÊNCIAS TERAPÊUTICAS: OS ESCULÁPIOS E A MEDICINA CIENTÍFICA NA CIDADE DE BELÉM, NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX.

ELANE CRISTINA RODRIGUES GOMES*

Em 1º de setembro de 1897 entrou no consultório do médico Eduardo Léger, um cearense de nome, Bibiano, com idade de 35 anos, apresentando uma enorme pústula vermelha no corpo, febre, náusea, vômito, entre tantos outros sintomas. O médico mencionado formou-se na Faculdade de Medicina, na Bahia, era morador da cidade de Belém e ao diagnosticar o paciente juntamente com a contribuição de seus colegas de consultório, obteve a confirmação de que se tratava de sezões, um furúnculo. Em consenso com os médicos presentes optaram por receitar ao paciente o uso de cataplasmas de cará branco ou roxo, o qual deveria ser colocado em cima do eritema de duas em duas horas.

O relato acima é resultado de uma pesquisa desenvolvida pelo médico Eduardo Léger juntamente com seus colegas de trabalho Antenor Gustavo Coelho de Souza e Álvaro Linval de Moura. A publicação Cavacos médicos, editada em 1906, retrata os resultados das pesquisas realizadas por esses médicos em 1897, apontando a eficácia das propriedades de certos vegetais no tratamento de algumas doenças, entre essas, o furúnculo. Esses textos foram publicados também no periódico local, Província do Pará, a pesquisa dos médicos revelou a experimentação dos vegetais como elementos curativos a partir dos estudos do farmacêutico Theodoro Peckolt¹, o qual teria escrito o livro, história das plantas medicinaes e uteis do Brazil.

Em cavacos médicos observa-se certa inquietação do médico Eduardo Léger frente a dificuldade que tiveram para tornar público os seus experimentos, sinalizando que faltava na época uma revista médica, a qual pudesses publicar os estudos e os resultados dos médicos em suas práticas. Eduardo Léger demonstra uma preocupação em expor dados que pudessem comprovar os experimentos e menciona uma estatística de curas realizadas através da

*doutoranda do Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará (UFC)
email:rodrigueselane@yahoo.com.br

¹ Farmacêutico e naturalista alemão. Estudou a flora no Rio de Janeiro, desde 1847 investigou exemplares de plantas para o botânico Friedrich Von Martius. Ver: DOS SANTOS, Nadja Paraense. Theodoro Peckolt: a produção científica de um pioneiro da fitoquímica no Brasil. História, Ciências e Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v.12, n.2, p.515-33, maio-ago. , 2005.

propriedade de alguns vegetais, como o cará, mencionado anteriormente. Podemos questionar nesse sentido como tais experimentos eram recepcionados pelos pares de Eduardo Léger, os quais anunciavam diariamente o uso de medicamentos e práticas com o uso de instrumentos cirúrgicos, práticas que demonstravam uma perspectiva de ciência diferente da expressa nas ações do doutor Léger. (LÉGER, 1906:21)

É perceptível na escrita de Léger, o fato de que os seus colegas de trabalho, já não pensavam mais em buscar caminhos possíveis para a cura, se não fossem por meio dos ferros, ou seja, do instrumental médico, o qual muita vezes foi propagandeado como o que existia de mais inovador e eficaz no ramo da medicina. O médico alerta o leitor, afirmando que a grande maioria dos pacientes que o procurava no consultório, eram pessoas pobres, que não tinham nem como comprar medicamentos, logo se fazia necessário utilizar possibilidades que estivessem ao alcance dessa população. O médico reconhece também que os vegetais jamais representaram caminhos de curas infalíveis, apresentando as limitações e paralelamente o valor desses, em certas situações. Porém dizia que os médicos não podiam se omitir em relação aos conhecimentos trazidos pelo povo. (LÉGER, 1906:20)

A prática da pesquisa poderia ser para o doutor Léger o percurso a ser feito na tentativa de encontrar virtudes curativas nos vegetais, talvez por defender uma ciência em que tais conhecimentos deveriam ser conduzidos pelos médicos diplomados e praticados em seu ambiente de trabalho, o mesmo foi várias vezes acusado de pajelança por seus pares.

[...] os que desejam saber a nossa riquíssima flora, já não diremos a fundo, mas pelo menos pela rama, são taxados de pajé, como se deu conosco, durante quatorze anos De oligarquia Lemista, que assim fomos alcunhados pela antiga Província do Pará, jornal como se sabe pertencente a essa boa gente (LÉGER, 1916:III)

O médico acusado de pajé criticava o fato de seus colegas se envolverem com a política e não se dedicarem aos livros, de terem se entregado aos interesses políticos e financeiros. Podemos aferir nesse sentido que diante de um contexto em que para muitos doutores da época, ser médico era praticar uma ciência objetiva e comprobatória, a cura através dos vegetais não se adequava a uma medicina moderna, pautada nos inúmeros recursos que os médicos divulgavam nos jornais da época, a qual não poderia se furtar do uso de um arsenal de medicamentos que diariamente eram referendados e assinados pelos médicos em seus consultórios e nas propagandas dos jornais, o que pode ser compreendido

como uma estratégia para dar credibilidade a medicamentos que curavam até três ou mais doenças ao mesmo tempo.²

A divulgação dos serviços prestados pelos médicos incluía longos horários de atendimentos em consultórios, em farmácias e hospitais, nesse sentido é que notamos que o médico Eduardo Léger denunciava como a excessiva jornada de trabalho destinada ao diagnóstico poderia impedir a dedicação aos estudos, pois destacava que a formação dos médicos não deveria ficar restrita ao que foi ensinado na faculdade. Além disso, a inserção dos esculápios no universo dos cargos públicos e envolvidos com a política, era algo que também teria contribuído, na percepção de Léger, para que os médicos valorizassem seus interesses individuais em detrimento dos pacientes.

Quando estuda então esse ou esses médicos? Só se elles entendem que estudar é abrir um livro ou jornal de medicina e ler um capítulo! Isso mesmo, queremos acreditar, que muitos não fação – velhos e novos. – Em que tempo então, sendo assim, como é, poderá a medicina desta terra, elevar-se? (LÉGER, 1901:IV)

Não podemos também deixar de compreender o doutor Léger dentro de um cenário em que as disputas pelo espaço médico e a confiança dos pacientes era uma busca constante, pois tal como os demais Léger também estava inserido no universo de conflitos políticos na época, uma vez que muitos médicos acabavam intensificando os atritos não só no âmbito da ciência, mas nas querelas políticas, dependendo de que lado recebiam apoio e ou alcançavam seus interesses. Segundo Rodrigues:

As disputas partidárias que se deram durante as primeiras décadas republicanas, além de muitos outros fatores, haviam deixado uma má impressão sobre esculápios científicos, que mais do que “homens da ciência”, eram vistos como aliados ou inimigos de um ou outro político, prejudicando a unidade do grupo. (RODRIGUES, 2008:108).

As tensões que envolviam os esculápios da época, não mencionavam apenas o doutor Léger, que recebeu afamadas críticas dos seus colegas, notamos que mesmo com a legislação afirmando que era permitido a prática da medicina e seus demais ramos, desde que, tivesse a prévia autorização da Inspeção de higiene, a polêmica quanto a definição do que podia ser considerado medicina, também era travado entre a inspeção de saúde pública e os médicos que escreviam nos jornais. A notícia do dia 6 de junho de 1884 abordava querelas a respeito

² Jornal Província do Pará 7 de Janeiro de 1896 p.2.

de um espanhol, Cezáreo Salynas Fernandez, acusado pelo médico João Uchôa de exercer a medicina de forma ilegal na cidade. Segundo o inspetor o espanhol não teria sido flagrado praticando a medicina, logo era imprudente tomar qualquer ação que pudesse confundir uma denúncia com o ato praticado. A revolta do médico era justamente porque Cezareo praticava a homeopatia, o que na compreensão de ciência do doutor Uchôa não configurava como medicina ou qualquer ramo que a derivava.

A homeopatia para o doutor João Uchôa não era uma ciência e sim uma especulação torpe da ignorância e ingenuidade de quem procurava a cura de suas doenças. Logo a mesma foi tratada pelo médico como uma ação de pajelança ou de curandeirismo, no entanto é interessante destacar que os jornais que os médicos escreviam severas críticas a prática homeopática, eram os mesmos que propagandeavam os medicamentos da homeopatia. O periódico por hora era cenário de questionamento da credibilidade da homeopatia, em outra cena exaltavam as virtudes curativas de seus medicamentos.³

Segundo Weber na década de 1880, a homeopatia já tinha sido concebida como uma perspectiva de cura no Brasil, referendando a necessidade de tornar obrigatório o ensino formal dessa prática, a qual foi defendida na época pela Academia Médico-Homeopática e pelo Instituto Hahnemanniano do Brasil. Tal processo foi marcado por muitas disputas entre alopatas e homeopatas, no entanto o que percebemos em Belém é que muitos esculápios não aceitavam inserir ou reconhecer a homeopatia como ciência. (WEBER, 1999:92)

Dentro dessas contradições e tensões frente a prática de uma medicina científica, percebemos que uma parcela dos médicos por uma formação baseada na experimentação científica, afastavam suas práticas do que consideravam como charlatanismo, incluindo nessa lista curandeiros, herbalistas, homeopatas, entre outros. Não coadunando com o princípio de uma medicina indutiva ou que não correspondesse ao alto padrão de civilização que achavam

³ Jornal Diário de Notícias 10 de junho de 1884 p.2 ver: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=763659&PagFis=3189> acessado em 10 de janeiro de 2015.

está vivendo no período. (MIRANDA DE SÁ, 2006:110). A resistência presente à prática da homeopatia, pelo espanhol, Cezareo Salynas, pode ter dois grandes elementos motivadores, o fato de ser um médico estrangeiro, por não ter tido seu diploma reconhecido no país e principalmente de praticar algo que não era reconhecido como ciência médica para alguns escolápios, da época, a homeopatia.

Divergências no que tange a práticas terapêuticas no final do século XIX, em Belém não consistem uma peculiaridade desse processo histórico, dentro de um espaço em que a chamada medicina científica ainda ansiava construir bases para atender as demandas da sociedade. A formação de médicos nos mais variados lugares do Brasil e da Europa, apresenta de certa forma, o vasto contato desses com perspectivas de medicina científicas diferentes, gerações diferentes de médicos, porém com semelhanças no âmbito da prática médica que os permitia também construir até certo ponto linhas muito tênues entre um elo de identidade e suas divergências no caminho da cura. No entanto nos interessa no âmbito dessa diversidade de perspectivas médicas, compreender os espaços de interesses dos médicos diplomados, em demarcar a sua atuação diferenciando-se de qualquer outra prática que permitisse confundirlos, com curandeiros ou pajés, os quais eram segundo Figueiredo, os maiores concorrentes dos médicos diplomados. (FIGUEIREDO, 2008:17-18)

Folhear as páginas dos jornais, em Belém, no final do século XIX é deparar-se com a recorrência de questionamentos que a sociedade vivenciou diante dos momentos em que a saúde ou a falta dela, era um aspecto presente entre as famílias, doenças desconhecidas, das quais não se tinha certeza da origem ou das consequências. Recorrer ao médico diplomado nem sempre era a atitude mais frequente entre a população, esses no final do século XIX enfrentaram forte resistência da população quanto ao uso de suas práticas científicas, a crença e a confiança nesse profissional foram se revelando timidamente.

Os jornais noticiavam uma vasta quantidade de propagandas de médicos formados, os quais tinham montado seus consultórios e que ofereciam os mais variados procedimentos, anunciavam sua trajetória pela Europa, utilizavam os mais modernos métodos de diagnóstico.

Tratamentos com injeções endo venosas, a eletroterapia, remédios produzidos pelos próprios médicos e tantas outras opções.⁴

Existiam em Belém médicos que eram formados e faziam uso das receitas utilizadas pelos pajés, inserindo em suas práticas as virtudes das ervas medicinais da Amazônia. Esses podiam até serem confundidos como pajés por seus pares, porém não temos notícia de médicos formados punidos pelas autoridades públicas por receitarem aos seus pacientes as propriedades curativas dos vegetais. Logo podemos indagar que a ideia de ciência praticada por esses que usavam as ervas medicinais, seria o princípio de que tais práticas apresentavam eficácia, mas deveriam sempre ser conduzidas aos pacientes através de um conhecimento técnico, enquanto para outros, consistia em uma forma de manipular a arte de curar, pois defendiam os medicamentos manipulados em laboratórios e os instrumentos de uso exclusivo dos médicos formados.

Nota-se que existia uma tensão que trazia á tona, na época, a necessidade de inserir o médico no cotidiano dos pacientes, para tanto alguns médicos ofereciam consultas sem pagamentos aos pobres⁵ ou manifestavam que se o procedimento não fosse satisfatório, o paciente seria isento do pagamento. Talvez tais comportamentos representassem uma tentativa de galgar a confiança dos pacientes ou a necessidade de praticar as teorias ensinadas nas faculdades de medicina. Segundo Pimenta muitos médicos aprendiam a prática diretamente nos hospitais, existindo um desequilíbrio entre a teoria e a prática. (PIMENTA, 2003:74). Os consultórios e os hospitais passavam a serem espaços também de experimentações, em que nem sempre o médico podia assegurar a eficiência dos serviços prestados, como observado no anúncio:

Molestias e operações dos olhos

O doutor Victor de Britto recém-chegado da Europa, ex chefe de clinica do professor Weker, em Paris, dá consulta das 11 ás 2 horas da tarde, no "Hotel Central", onde reside. As operações não serão pagas, se o resultado não for favorável. (Jornal Província do Pará 1 de Janeiro de 1896 p.3).

Percebe-se através do Diário de Notícia que o médico não assegurava ao paciente o sucesso no procedimento, porém a notícia destacava na época, todos os atributos do doutor Victor Britto, expondo sua experiência em um centro de referência da medicina, em Paris. É

⁴ Jornal A República 18 de Março de 1897 p. 2 (Biblioteca Pública Arthur Vianna)

⁵ Jornal Província do Pará 1 de Janeiro de 1896 p.3 (Biblioteca Pública Arthur Vianna)

interessante também atentar para o local, em que o médico atendia os seus pacientes, um quarto de hotel, alguns médicos ficavam temporariamente na cidade, esse pode ser um dos motivos para que o médico residisse e atendesse seus pacientes em um hotel. Mas além de transformarem os quartos de hotéis em consultórios, muitos médicos atendiam em farmácias, tinham seus consultórios nos altos de suas residências, outros atendiam nos hospitais e nos demais espaços ao mesmo tempo.

O jornal Paraense a Folha do Norte anunciava em 7 de março de 1896 a aprovação no Senado, através do projeto nº198, concessão de auxílio para a construção do novo prédio do hospital da Santa Casa de Misericórdia do Pará⁶. A construção de um novo espaço vinha pela necessidade de ampliar o atendimento e colocar essa casa de saúde dentro dos parâmetros da ciência moderna. Segundo Rodrigues com a inauguração que só ocorreu em julho de 1900, na intendência de Antônio Lemos, a Santa Casa a partir daquele momento ganhou enfermarias isoladas, laboratório, sala de consulta especializada em oftalmologia, refeitório, sala de operação, gabinetes para os médicos, farmácia. Diante do que apresentamos em relação a Santa Casa de Misericórdia do Pará, questionamos como a materialização desse novo hospital possibilitou o contato dos pacientes com inovações no campo da medicina, exames médicos, cirurgias, entre tantos procedimentos que os esculápios passaram a adotar em sua prática no interior dos hospitais. (RODRIGUES, 2008:31)

O relatório apresentado ao conselho administrativo da Santa Casa à Assembléia Geral da Associação prestava contas dos valores concedidos para a compra de um arsenal cirúrgico e evidenciava a sua importância para a ciência:

Aproveitando a ocasião em que se achava na Europa o Sr. Vice provedor, dr. Lyra Castro, o conselho o auctorizou a fazer aquisição de um importante arsenal cirurgico para uso do hospital de caridade, onde o mesmo se acha desde novembro ultimo. Essa importante aquisição de ferros que a sciencia moderna introduziu na ala cirurgia, veio de modo completo e seguro supprir uma das grandes necessidade de que se resentia o nosso hospital, hoje aparelhado para todos os misteres que o serviço interno exige no ramo scientifico.⁷(Relatório administrativo da Santa Casa de Misericórdia á assembleia geral da associação, 1903-1905:6)

⁶ Jornal Folha do Norte 7 de março de 1896 p. 2 (Biblioteca Pública Arthur Vianna).

⁷ Relatório apresentado pelo Conselho Administrativo à Assembléia Geral da Associação. 1905. Referente a 1903-Biblioteca Pública Arthur Vianna(Setor de Obras Raras).

A configuração de um novo hospital que buscava se inserir nos ditames da medicina e que trazia consigo novos ambientes, móveis, aparelhos, instrumentos, regras, são aspectos relevantes ao passo que trazem a necessidade de medicalizar o espaço da Santa Casa de Misericórdia do Pará, a falta de uma demanda de assistência médica e a presença das epidemias mostram de certa forma as dificuldades que a população enfrentou quando precisou recorrer à procura pela cura nos hospitais.⁸ O hospital precisava ser saneado para receber os pacientes e as mais variadas doenças de que estes eram acometidos. Segundo Vianna o aumento considerável de doentes agravou a situação da Santa casa no final do século XIX, não comportando mais o crescente número de pacientes, os quais chegavam a 2.857, em 1899.

A invasão crescente de infelizes tomára a pharmacia, os aposentos das religiosas enfermeiras, os corredores, emfim todos os comodos da casa susceptiveis de serem aproveitados. Nesta situação afflictiva impossivel tornava-se esperar que o subsidio annual concedido pelo governo do Estado, desse para a conclusão das obras do novo hospital; (VIANNA, 1992:352-353)

As dificuldades financeiras enfrentadas pela Santa Casa de Misericórdia do Pará evidenciam as recorrentes paralisações nas obras de construção do novo hospital, que dependiam das verbas concedidas e aprovadas pelo Senado, como mencionado anteriormente. Entende-se nesse sentido que tais reformas corroboraram para a construção de novos comportamentos na prática médica. Para Costa a secularização dos hospitais colocou os médicos a frente da administração, o que implicou em uma nova dinâmica de funcionamento, trilhando certa autonomia a ciência médica, uma vez que anteriormente encontrava-se sob a administração religiosa. (COSTA, 2006:67-68)

O final do século XIX e o início do século XX anunciavam uma necessidade de medicalizar os hospitais, uma vez que esses inicialmente surgem como instituições caritativas. As políticas do Estado republicano com o intuito de controlar as epidemias, de assegurar a higiene pública, também são contributos para o discurso que será forjado na exaltação da ciência como elemento indispensável para alcançar o progresso. As transformações nas

⁸ Sobre a Santa Casa de Misericórdia do Pará, Ver: COSTA, Magda Nazaré Pereira da. Caridade e Saúde Pública em tempos de epidemias 1850-1890. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em História Social da Amazônia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará. Belém, 2006; HENRIQUE, Marcio Couto. Os Escravos da Misericórdia. Amazon., Revista de Antropologia (online) 5 (2): 386-410, 2013. <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/viewArticle/1499>. Acessado em 25 de abril de 2015.

práticas médicas vinham acompanhadas da exigência dos médicos ao pedirem espaços novos, serviços equipados e especializados e por parte do estado republicano a ampliação da rede de serviços públicos deveria ser pelo viés do menor custo de investimentos. (DA SILVA, 2014:104)

Roy Porter ao analisar a história da medicina na Europa pontua que a criação de ambientes talhados para a cirurgia foi indispensável, pois desde o final do século XIX, ocorreu o aparecimento das salas de cirurgias esterilizadas e equipadas provocando transformações nos hospitais, que deixava de ser uma casa de abrigo para pobres e passava a ser uma instituição que recebia várias classes sociais. (PORTER, 2006:211-212)

As teorias médicas de Galeno, Hipócrates e a de Pasteur ampliaram a pesquisa, o estudo e o diagnóstico. Cada doença poderia vir acompanhada de um instrumental ou aparelhagem, os quais talvez possibilitassem a cura: seringas de vidro, estojos cirúrgicos para amputação, aparelhos de Raio-X, ventosas de vidro, audiômetro, mesa de parto, fórceps, pinças, espelho ginecológico. Esse arsenal material utilizado pelos médicos mostra-se dentro de uma complexa relação que não podem ser analisadas apenas pelo seu aspecto de utilidade, mas sim dentro de valores, práticas culturais e sociais que interagem diretamente no cotidiano dos sujeitos envolvidos. (ALLAMEL, 2011:50)

A difusão da medicina divulgada por Pasteur provocou entre muitos médicos a necessidade de realizar estudos dos microorganismos causadoras das doenças infecciosas tanto animais como humanas. Nota-se que no final do século XIX aconteceu um estímulo para a construção de laboratórios nas faculdades e ao mesmo tempo a obrigatoriedade de provas práticas, assim os médicos deveriam utilizar novas aparelhagens como o microscópio, estufas, termômetros, instrumento de vidro e pipetas (tubo de vidro para transportar e dosar drogas nas análises e experiências de laboratórios), o que exigia treinamento especial. (MIRANDA DE SÁ, 2006:109-110).

Diante das indagações expostas e das tensões entre os médicos, seus colegas de trabalho e seus pacientes, compreende-se que as práticas terapêuticas adotadas pelos esculápios precisam ser pensadas dentro de um espaço em que as inovações da ciência passavam a ocupar as faculdades, os hospitais e os consultórios e com diferentes perspectivas de cura e de doença, uma vez que nesses espaços circulavam pesquisas que buscavam atender as demandas da sociedade. As divergências não estavam restritas ao espaço da ciência, mas

iam além dos interesses coletivos, pois a inserção de muitos médicos na política referendava que os atritos iam além da profissão, pois muitos beneficiavam seus colegas ou denegriam a imagem por interesses políticos e profissionais.

È provável que as divergências terapêuticas anunciassem um ambiente de experimentação nos hospitais e nos consultórios, talvez muitos médicos não tivessem certeza diante da prática de certos procedimentos, os quais só eram descobertos com a realização no cotidiano. Isso referenda as diferentes maneiras que os médicos optavam por adotar em seus atendimentos, seja fazendo uso das ervas medicinais ou recorrendo apenas aos medicamentos e procedimentos que permitisse respaldo científico. Mas não se deve excluir a tentativa desses profissionais demarcarem o seu espaço profissional, diante de uma sociedade que recorria frequentemente aos pajés, mesmo que às vezes esses tivessem semelhanças com os esculápios na prescrição de suas receitas.

No princípio do século XX com os avanços científicos no âmbito da medicina, o saber médico começou a se especializar segundo a divisão das áreas do corpo ou por meio de doenças específicas. Logo é perceptível a necessidade de racionalizar o trabalho, de estabelecer comunicação com as tecnologias na realização do diagnóstico, permitindo uma integração no campo da medicina, algo que ainda exigia uma maior integração entre os médicos, uma vez que era identificado, nos jornais da época, a falta de limites na escrita quando o assunto do dia era um colega de profissão, que praticava caminhos terapêuticos diferentes. (NETO, 2001:29)

A interação e articulação dos antigos saberes e dos novos, são aspectos relevantes de serem pensados ao passo que estarão inseridos na circulação das práticas científicas em contextos diferenciados. A relação dos médicos diante dos inúmeros desafios que a falta da saúde apresentava e a construção de um grupo de representação que se configurará através da criação da Sociedade Médico Cirúrgica do Pará, em 1914, são itens importantes para compreender a diversidade dentro de um ambiente em que a profissão confundia-se muitas vezes com os interesses políticos e esse era o meio para a conquista de prestígio por parte dos médicos, que estavam diretamente ligados ao Estado.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALLAMEL, Catherine & RAFFIN, Alain Leplège. **História da Medicina**. São Paulo: ideias & Letras, 2011.
- COSTA, Magda Nazaré Pereira da. **Caridade e Saúde Pública em tempos de epidemias 1850-1890**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em História Social da Amazônia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará. Belém, 2006.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A cidade dos encantados: pajelança, feitiçaria e religiões afro-brasileiras na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008.
- LOBÃO JUNIOR, Eduardo Léger. **Cavacos médicos (clínico-therapeuticos)**. Pará-Belém. Secção de Obras d'A Província, 1906.
- _____ A medicina em Belém. Belém-Pará: Tavares Cardoso, 1901.
- _____ Scientia in Partibus. Belém-Pará: Typ. F. Lopes, 1916.
- MIRANDA DE SÁ, Dominichi. **A Ciência como Profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. (coleção História e Saúde).
- NETO, André de Faria Pereira. **Ser Médico no Brasil: o presente no passado**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.
- PIMENTA, Tânia Salgado. **Os Exercícios da Arte de curar no Rio de Janeiro**. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- PORTER, Roy. **História da Medicina**. Rio de Janeiro: editora Revinter, 2006.
- RODRIGUES, Silvio Ferreira. **Esculápios Tropicais: a institucionalização da medicina no Pará, 1889, 1919**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em História Social da Amazônia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará. Belém, 2008.
- SANGLARD, Gisele. **Hospitais: espaços de cura e lugares de memória**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. V.15. n.2..Jul-Dez.2007.
- VIANNA, Arthur. **As Epidemias no Pará**. Belém: UFPA, 1975.
- _____ **A Santa Casa de Misericórdia Paraense- Notícia Histórica 1650-1920**. Belém: Secult, 1992.
- WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense-1889/1928**. Bauru: EDUSC, 1999.